

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SEculo

DE SANTA
RITA

A VINGANÇA DO BARRO

■ Por ANÃO SABICHÃO ■

VINHA eu, um dia destes, muito bem disposto, como é sempre o meu costume, assobiando uma modinha, quando parei, ao ouvir uma voz furiosa.

Era um carroceiro que vociferava, porque a carroça se lhe enterrara no barro do caminho.

— Maldito barro! — berrava o homem, fora de si. — Não serves para nada, senão para me atolares a minha carroça! Que porcaria! . . .



Tão zangado estava, que até dizia cousas feias, destas que só os carroceiros malcriados proferem e que não se podem repetir a meninos bem educados!

Sempre praguejando, tornando e tornando a dizer que o barro para nada prestava, lá conseguiu, depois de muitos esforços, desenterrar a carroça e com ela seguiu até à cocheira, muito carrancudo, de muito mau humor.

Ali, desatrelou os cavalos, recolheu-os, assim



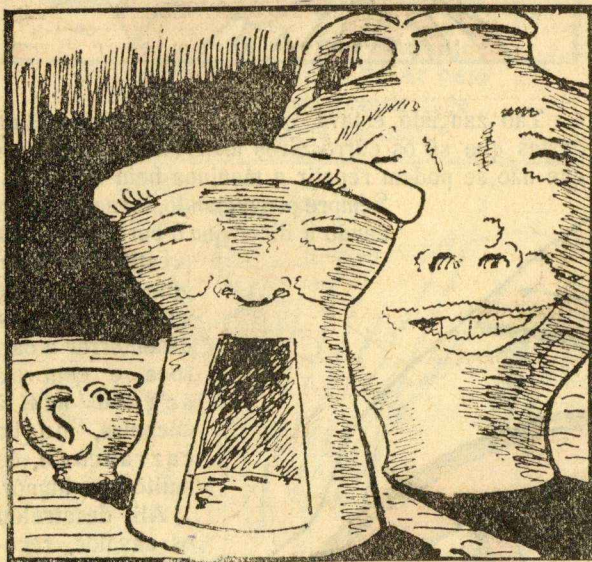


como à carroça, e, mal entrou em casa ainda cheio de cólera, tratou de arranjar qualquer cousa para matar a sua fome.

E sabem os meus meninos o que sucedeu? Logo que êle pegou nos pratos de barro, para os pôr sobre a mesa, os pratos fizeram-se em cacos e a tilintar, iam caindo no chão, e iam berrando:

— Ó seu masmarro,
então, o barro
é mau?
Táu! táu! táu! —

O homemzinho nem queria crer que a voz viesse do barro e olhava para tôdos os lados, com um ar esgazeado.



Aproximou-se da chaminé, para acender o fogareiro, mas êste estalou-lhe nas mãos e, enquanto ia estalando, ia dizendo:

— Ó seu masmarro,
então, o barro
é mau?
— Táu! táu! táu! —

Com medo que as brasas pegassem fogo a qualquer cousa, o homem pensou em deitar-lhe água, em cima.

Ia a encher o púcaro.

Logo êste se desfez em mil bocadinhos, e a tal voz de barro rachado, muito esganiçada, gritava:

— Ó seu masmarro,
então, o barro
é mau?
Táu! táu! táu! —

— Sebo! sebo! sebo! — vociferava o carroceiro, com a cabeça perdida.

Agarrou numa bilha para despejar a água sobre o fogareiro. Mas, debaixo dos seus dedos, o barro quebrou-se e um lago de água se espalhou, inundando a casa.

E a voz da bilha, tambem dizia:

— Ó seu masmarro,
então, o barro
é mau?
Táu! táu! táu! —

Então, o homem, desnordeado, sem pratos, sem bilha, sem púcaro, sem fogareiro, doido por ouvir tantas vozes a gritar: — Táu! táu! táu! — saiu para a rua, pedindo socorro pois a sua casa estava endemoninhada, inundada, incendiada, tudo por causa do barro, que assim quisera vingar-se das palavras ultrajosas, com que êle o tratara! Os meus amiguinhos, naturalmente, já adivinharam que o vosso anão andou metido neste caso estranho, e que foi êle que deu voz a todo o barro, para se vingar.

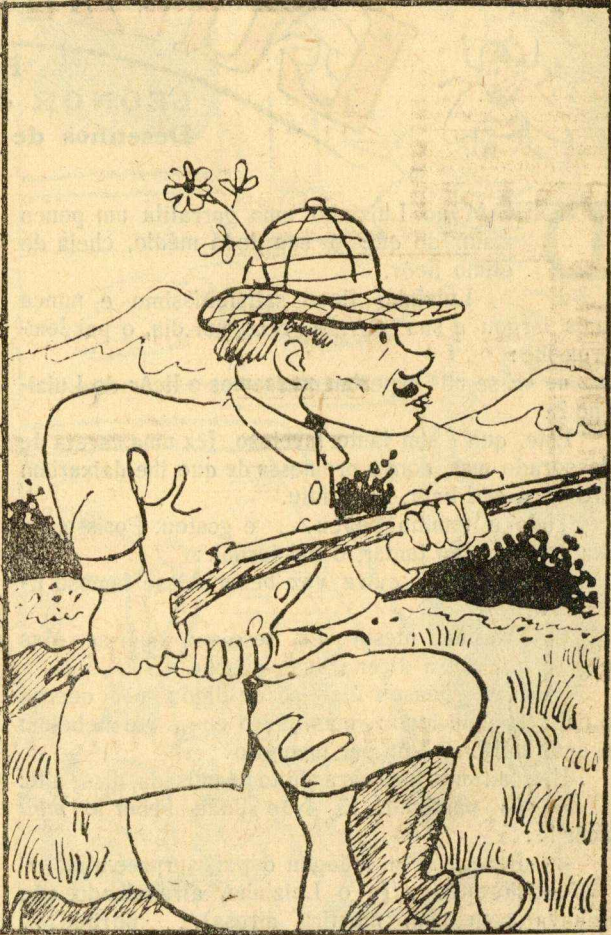
Mas se, por acaso, algum dia encontrarem o tal, carroceiro da história, nunca lho digam.

Ê bom que o homem, para seu castigo, guarde sempre respeito às cousas que lhe são úteis na vida!

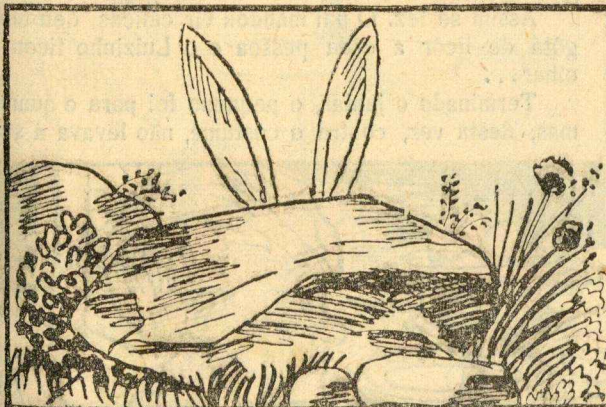
VOCAÇÃO ERRADA...



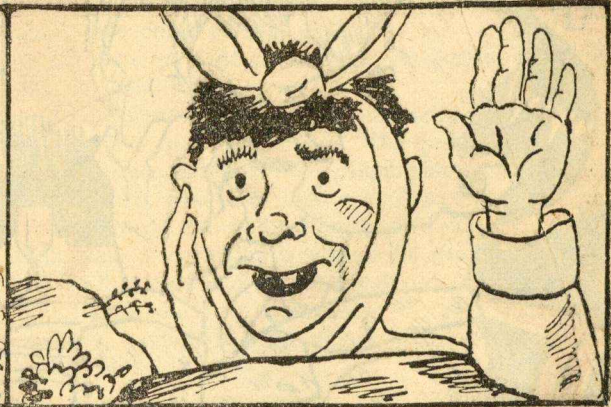
I — Em certa aldeia, que dista de Lisboa trinta léguas, morava um certo dentista que dava tiros sem tréguas, de caça sempre na pista.



II — Como o nosso figurão há muita gente, afinal, que desdenha a profissão que escolheu e para a qual apenas tem vocação.



III — Certo dia, em sua febre de caçar, ergue-se cedo e, já ao pé dum casebre, vê, por detrás dum rochedo, umas orelhas de lebre.



IV — Mas, fazendo a pontaria, em vez da lebre depara um saloio — (quem diria ?!) — que, com um lenço na cara lhe diz cheio de alegria:

V — «O' doutor, estou contente por vê-lo neste ar campestre! Venha já tirar-me um dente, que o senhor nisso é que é mestre como pouquíssima gente!

A Partida do Luizinho

Por
LEONOR de CAMPOS
Desenhos de A. CASTANÉ



DERAM ao Luizinho uma garrafita um pouco maior do que o seu dedo médio, cheia de ótimo licôr.

Luizinho ficou satisfeitíssimo e nunca mais largou a sua garrafa. Mas, um dia, o pai lembrou-lhe:

— «E se nós experimentássemos o licôr do Luizinho?»

Este, que é um tanto invejoso, fez uma careta de desagrado mas, com a promessa de que lhe deixariam provar o seu licôr, consentiu.

Tôda a família bebeu... e gostou. Porisso, no dia seguinte, ao jantar, o pai tornou:

— «Vamos lá outra vez beber dêsse famoso licôr!...»

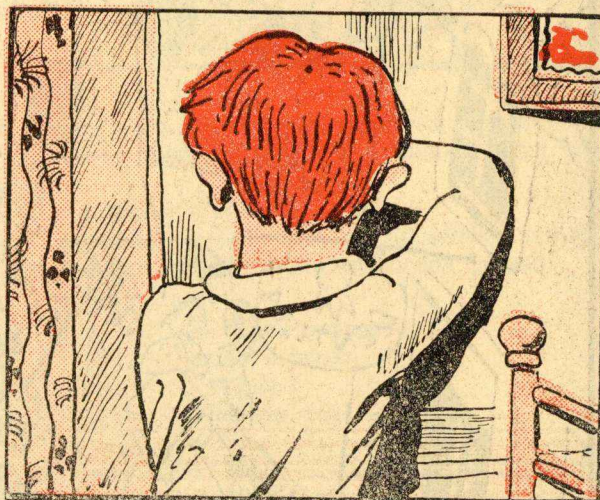
O Luizinho, desta vez, resolveu opôr-se. Mas não se atreveu a dizer: «não quero».

— «Ná!—pensou êle—se eu digo: «não quero» o pai responde logo: «mas quero eu»... e bebe-me o licôr todo. . Vou ser manhoso...»

E, mostrando uma cara muito penalizada, disse alto:
— «Ai paizinho!... Não pode beber o meu licôr!...»

— «Porquê?» — indagou o pai, surpreendido.

— «Porquê... (e o Luizinho, atrapalhado, não atinava com uma mentira airosa)... porque... ontem à noite... não... hoje ao almoço... eu cá... sim... eu enganei-me... e em vez de deitar o vinagre nas batatas... deitei-o dentro da minha garrafinha...»



— «O quê? Mas que grande trapalhada!... Então é lá possível teres confundido o prato com a garrafa!...»

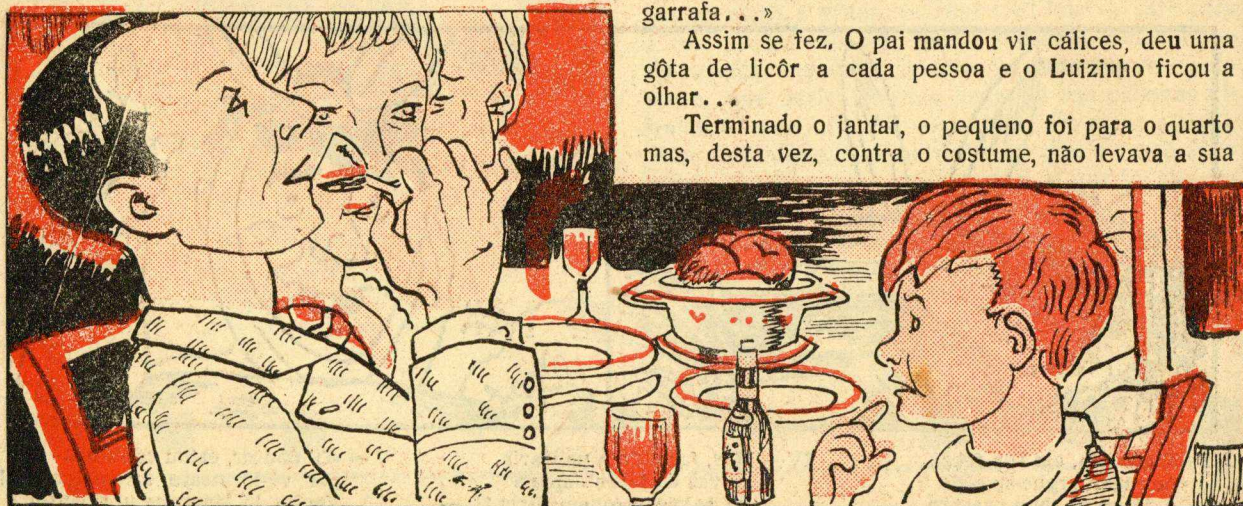
— «Mas não, paizinho. Eu não confundi. Foi distração!... A garrafa estava ao pé do prato e eu tão distraído, que...»

O pai zangou-se:

«Luizinho: tu não estas a falar verdade. E praticas duas más acções: mentes e és invejoso...» Porisso vou castigar-te: Hoje não provarás o teu licôr. Todos nós vamos beber um pouco dêle e só amanhã, depois de jantar, te darei novamente a tua garrafa...»

Assim se fez. O pai mandou vir cálices, deu uma gôta de licôr a cada pessoa e o Luizinho ficou a olhar...

Terminado o jantar, o pequeno foi para o quarto mas, desta vez, contra o costume, não levava a sua



garrafinha. Esta ficava na sala de jantar, sôbre o aparador.

Luizinho, na cama, ainda choramingou durante algum tempo. Mas acabou por adormecer.

Na manhã seguinte, acordou cedinho e lembrou-se logo do licôr.

Então, começou a resmungar:

— «Pois é!... Bebem-me o «meu» licôr e eu não posso dizer nada!... O licôr era só meu. Foi a mim que o deram. Mas deixa estar que eu me vingarei!... Vou fazer-lhes tamanha partida que até há-de ser falada nos jornais!... Deixa estar!...»

Levantou-se, abriu a janela e, ao ver uma porção de môscas, a esvoaçarem de encontro aos vidros, acudiu-lhe a idea vingadora.

— «Espera! — murmurou êle. — Já sei o que hei-de fazer. Vou agarrar algumas môscas, tiro-lhes as asas e meto-as dentro da garrafa. De maneira que logo, ao jantar, o paizinho vai a beber o licôr e engole as môscas.

Encetou a caçada e, daí a pouco, tinha agarrado três môscas. Tirou-lhes as asas e, muito sorrateiro, foi à sala de jantar e meteu as môscas dentro da garrafa, sem que ninguém o pressentisse.

Chegou a hora de jantar. O Luizinho, muito risinho, comia com apetite. Acabada a refeição, o pai ordenou à criada:

— «Traz-me cálices e a garrafinha de licôr do menino».

— «Já tem tão pouco!... Nem sequer dá um cálice!... — exclamou a criada.

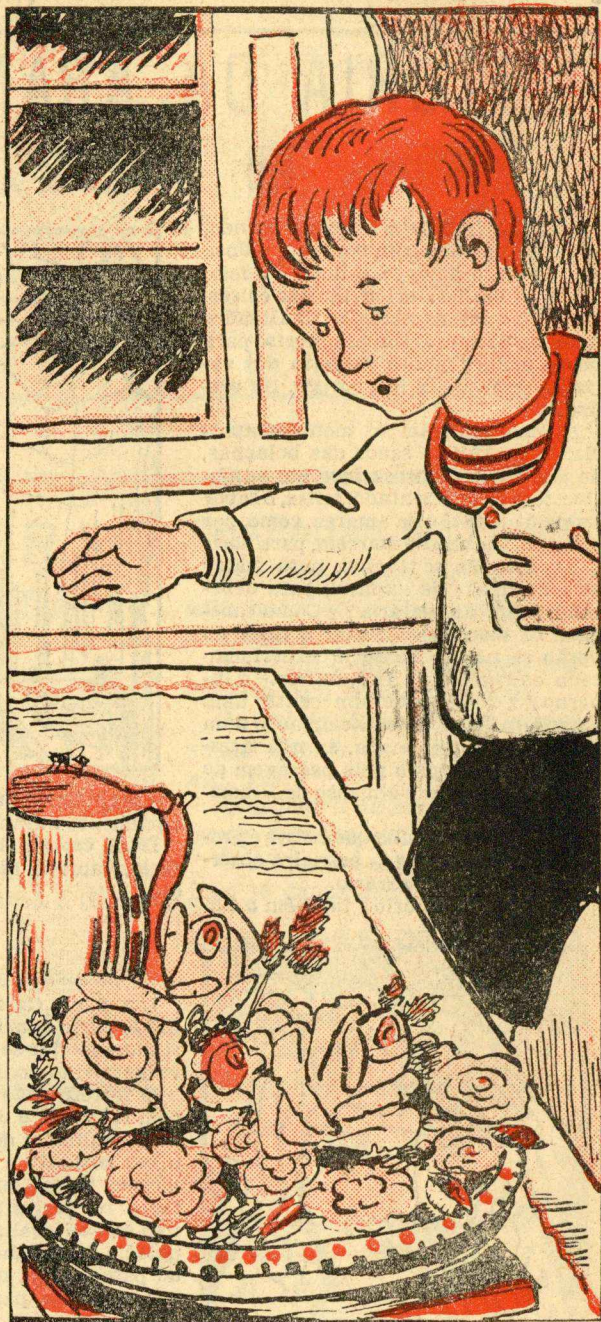
— «Tem pouco, mas ainda chega para todos, menos, é claro, para uma pessoa que nós sabemos!» — e o pai, dizendo isto, olhava de reves para o Luizinho.

Mas êste encolheu os ombros e murmurou:

— «Paciência!...»

O pai ouviu e gostou da atitude submissa do filho. Porisso mandou vir mais um cálice e disse a Luizinho:

— «Bom. Em vista de te teres portado bem, o



resto do licôr da garrafinha será para ti e eu vou abrir uma outra garrafa para nós...

E despejou todo o conteúdo da garrafa de Luizinho no cálice dêste.

O pequeno pôs-se em pé, dum salto e gritou:

— «Não quero, paizinho! Não quero!...»

O pai arregalou os olhos, espantado com a atitude de Luizinho. Mas teve logo a explicação:

Dentro do cálice do filho, as três môscas mortas, indicavam à maravilha o motivo da aflição do rapaz.

Só lhes digo isto, meus amiguinhos: — O Luizinho teve, nêsse dia, uma sobremesa de pancadaria que chegava à vontade para um regimento de meninos perricentos!...

HISTÓRIA DA ARANHA E DO CATARRO

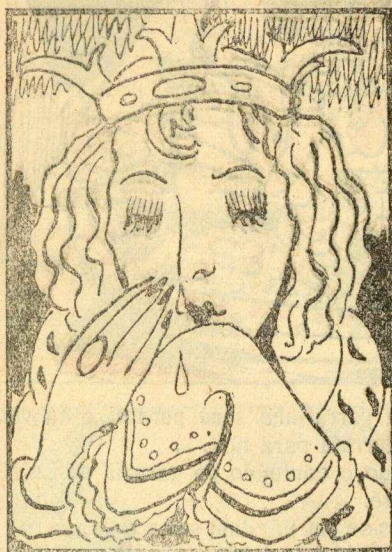
Por POMPEU F. DE CASTRO
Desenhos de A. CASTANE

QUANDO Deus formou o Mundo, criou o bom e o mau, o doce e o amargo, o lindo e o feio; enfim: criou muitas coisas, com aspectos e finalidades opostas, porque assim era preciso para nosso conhecimento perfeito das variadas qualidades dos corpos. Na verdade:

¿ Como saberiam os meninos apreciar o magnífico sabor das bolachas, do pão de ló, do arroz doce, etc, se não tivessem experimentado, antes, o sabor da alguma substância amarga, como, por exemplo; do chá de *marcela*, para abrir o apetite; da *santonina*, para matar as lombrigas; da *quinina*, para debelar a febre da malária? ¿ Como saberiam os meninos apreciar o calor do verão se não tivessem já experimentado os rigores do frio, durante o inverno? ¿ Como poderiam sentir uma alegria intensa, na contemplação dum claro dia de primavera, se não tivessem já entristecido pela passagem de algum dia escuro e chuvoso de Dezembro?

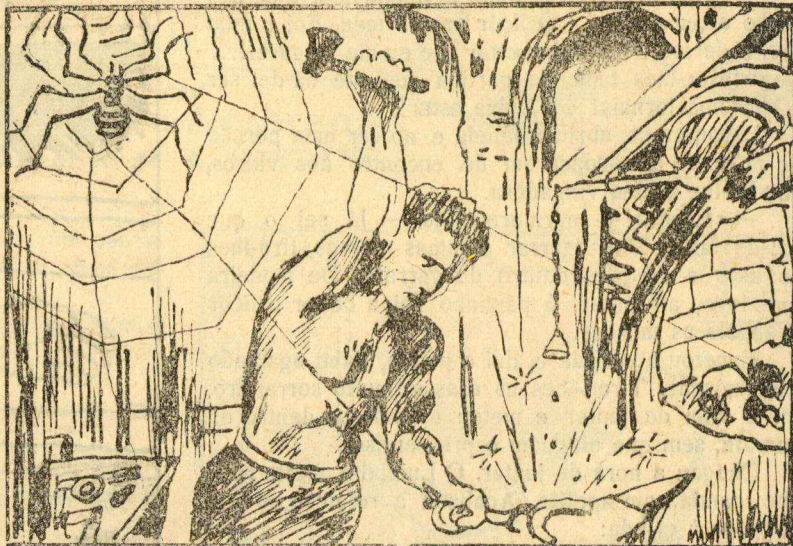
Ora, portanto, tudo que existe é proveitoso, mesmo que, à primeira observação, pareça o contrário.

Por isso, Deus criou também o Ca-



tarro que, parecendo uma coisa absolutamente má, não deixa de oferecer também as suas conveniências. Sim, o Catarro dá que fazer aos médicos, na prescrição de medicamentos; aos farmacêuticos, na preparação dessas prescrições; aos enfermeiros, na sua aplicação aos doentes. E muitos outros operários trabalham na preparação de substâncias químicas, que sofrem manipulação nas farmácias, e que se destinam a curar ou atenuar as várias doenças que atormentam a humanidade.

Com respeito às aranhas são, também, muito precisas para dizimar as mósas e outros insectos alados, que



nos prejudicam e nos incomodam, principalmente durante o verão.

Ditas estas palavras, à laia de prefácio, vamos à história, propriamente dita.

Um dia o Catarro entrou pela humilde porta dum ferreiro e foi, de mansinho, instalar-se-lhe na laringe, mais vulgarmente conhecida por garganta.

O ferreiro não se incomodou muito com tal visita e continuou a sua faina de trabalhar e de suar para angariar o seu sustento e o da sua família. Ao mesmo tempo que esta instalação se fazia na garganta do ferreiro, outra, não menos infeliz, se fazia também no palácio da Rainha, onde uma Aranha, de passo largo, mas subtil, tentou fazer uma teia, para governar a sua vidinha.

Ora, tanto o Catarro como a Aranha teimaram na sua tarefa de viver à custa dos produtos que a Natureza lhes destinara para seu sustento mas sem resultado algum. Até que um belo dia já fartos de sofrerem as inclemências do destino, resolveram mudar de residência; e talvez por um fenómeno de telepatia (conhecimento do que se passa a distância) saíram na mesma ocasião à procura de melhor sorte, e encontraram-se no caminho. Depois dos cumprimentos do estilo, entraram a narrar os seus queixumes. Dizia o Catarro:

— «O diabo do ferreiro, para atenuar a violência com que o ataquei, nem um caldo de galinha enguliu, nem uma pinga de leite tomava, nem um xarope ingeria... Só comia sardinha salgada e amarela... venho aqui na espinha (como diria qualquer vertebrado, que emagrecesse muito).

Por sua vez a Aranha contou:

— Ora imagina tu, meu caro, que fui fazer a minha teia num palácio,

onde as criadas, todos os dias, me basculhavam e me atiravam ao chão. Só por milagre não me esborracharam de encontro a uma parede! E até te digo que a muita fome que passei foi a minha salvação. Quando a vassoura me atirava, desapidadamente, ao soalho, eu sentia unir-se a pele do meu ventre à parte posterior do meu corpo, sem que isso me causasse qualquer abalo ou congestão. Porque, afinal, nada se encontrava no meu pobre ventre. E, pois, bem certo o ditado: «há males que veem por bens».

O Catarro, depois de ouvir atentamente as mágoas da Aranha, não pôde conter um suspiro de compaixão e disse-lhe:

— Pois vai tu (os animais tratam-se sempre por tu, numa linguagem pura e simples, sem os artificios de palavras, que as pessoas de cerimónia usam, em obediência às regras de Etiqueta ou do Bom-tom). — Pois vai tu, disse, para a oficina do ferreiro, que lá ninguém te fará mal. E as tuas teias só se desfarão com o tempo. Vassoura, nem mesmo espetos de pau, que lá abundam em vez de espetos de ferro, nunca se armarão contra ti, ou contra a tua obra.

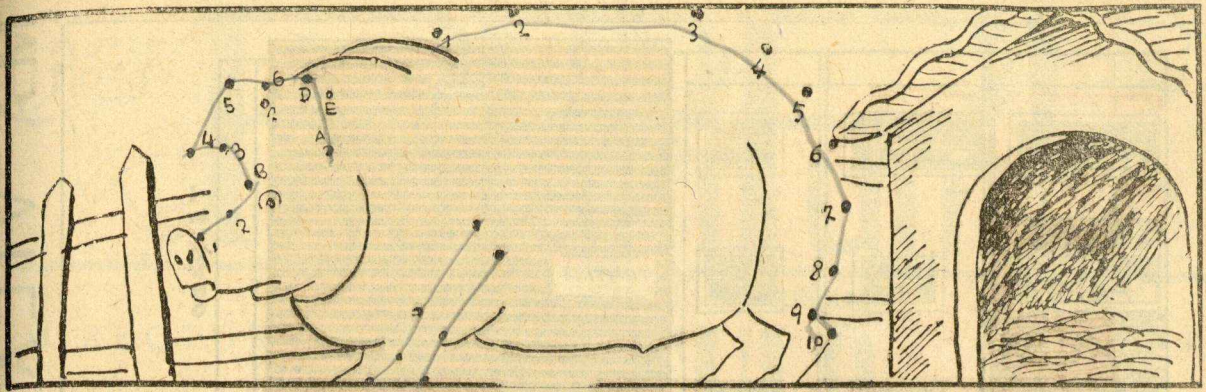
— Pois então, disse por sua vez a Aranha, também te quero dar um conselho, como recompensa pelas tuas boas informações.

Vai já direito ao palácio da Rainha, onde não te faltarão belos acepipes e muitos doces de compota, de leite e de ovos. Nada te faltará para saciares a tua guloseima.

Depois desta conversa, despediram-se, afectuosamente, e seguiram ambos — Catarro e Aranha — ao seu destino.

E parece que, desde então, nunca mais deixou de haver teias nas oficinas de ferreiros, nem o Catarro deixou jamais de morder nas gargantas das pessoas ricas.

LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha um porco

O NOSSO CONCURSO UMA VILA COMPLETA

Chamamos a atenção dos nossos pequeninos leitores para a segunda construção que hoje publicamos e que, como a anterior, faz parte do novo concurso, cujas condições inserimos, já, nos números anteriores.

Em todos os números seguintes, iremos publicando, consecutivamente, os pequenos edifícios que constituirão uma *Vila completa*. Vão, pois, colecionando as construções, que armarão desde já ou no final deste interessante concurso, como preferirem, a-fim de se habilitarem aos prêmios tentadores que estabeleceremos e ficarem na posse dum lindo brinquedo.

CHARADAS EM FRASE

Esta unha aguçada, tirando esta nota de música, rangia no recipiente de vidro. 2-1.

A moradia deste cachorro está coberta com este abafo. 2-1.

Da habitação eu não me queixo senão depois do meu matrimônio. 2-2.

Esta pedra de moinho tão delgada, é turbulenta. 1-2.

O diabo à hora da aprendizagem só causa destruição. 2-2.

CHARADAS COMBINADAS

- + ra — Apelido
- + na — »
- + mas — »

Conceito: — Dobra de casaco.

- + tos — Apelido
- + gueira — »
- + ga — »

Conceito: Exercício militar.

- + is — Apelido
- + ago — »
- + sa — »

Conceito: Lugar solitário.

- + ço — Apelido
- + na — »
- + les — »

Conceito: — Alcatifa.

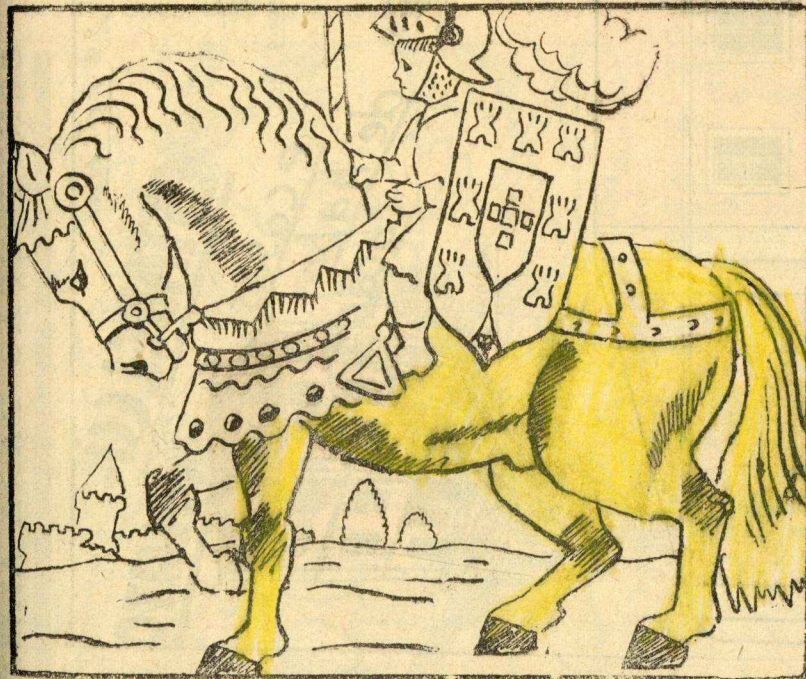
- + rta — Nome próprio
- + ta — » »
- + lga — » »

Conceito: — Nome próprio.

- + na — Nome próprio
- + dia — » »
- + cilia — » »

Conceito: — Nome próprio.

PARA OS MENINOS COLORIREM

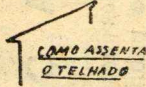
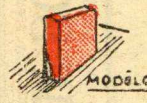
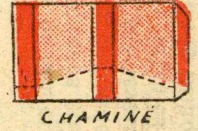
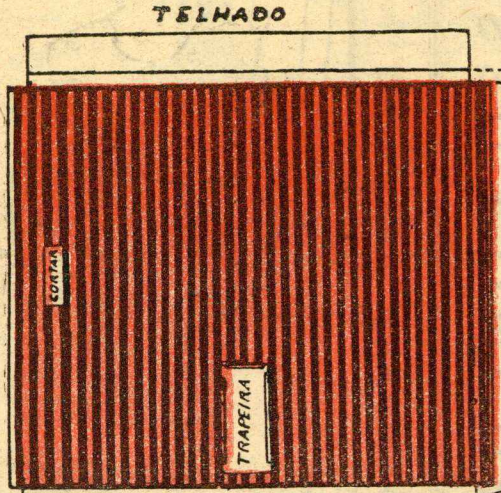
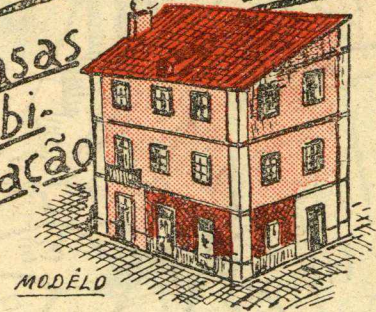


UMA VILA COMPLETA

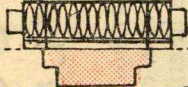
CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

2ª FÓLHA

ESTABELECIMENTO
e casas
de habi-
tação

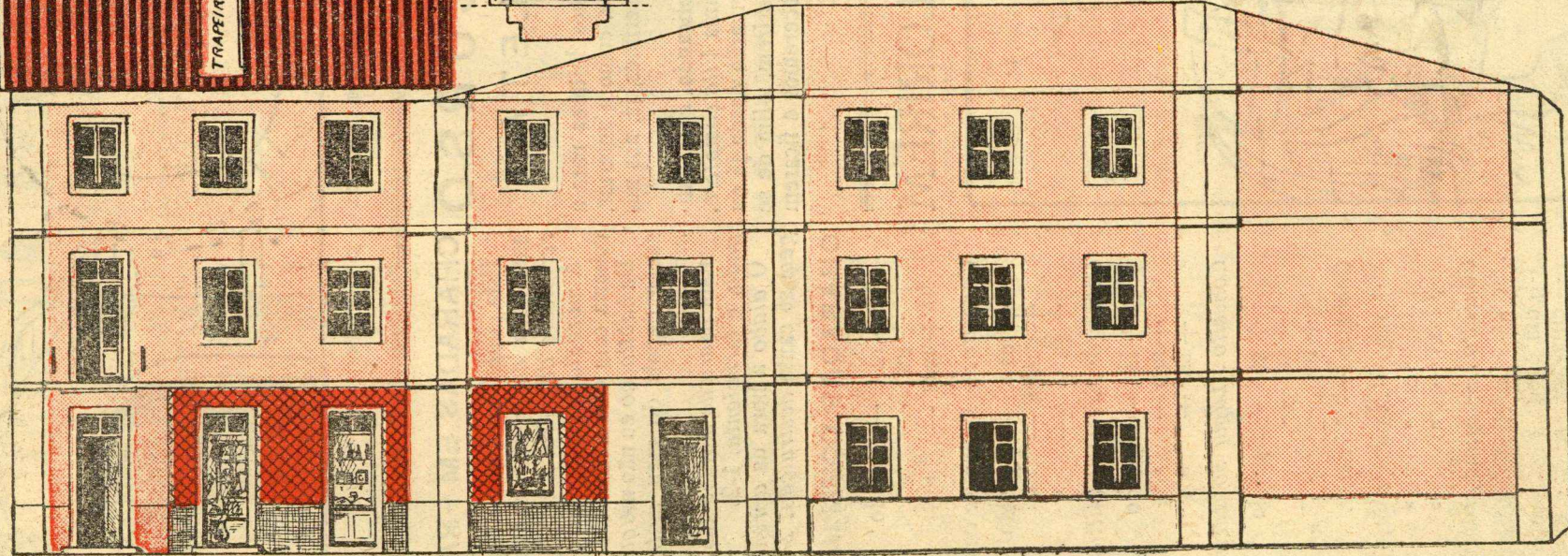
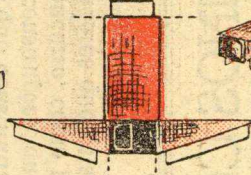


VARANDA



MODELO

TRAPEIRA



Atalorda

PPPI
Imamum!